

PÉRICLES AUGUSTO ALMEIDA ROCHA

PÉRICLES ROCHA

Nasceu no Maranhão. 1946

Desde cedo, dedica-se à arte e com bolsa de estudo do Governo do Maranhão (Administração José Sarney) cursa a Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, de 1967 a 1971, onde faz o curso de escultura.

De volta a São Luís instala, com outros artistas, o Centro de Artes Japiaçú, que, sob a liderança da professora Rosa Mochel, funcionava no anexo da Biblioteca Pública Benedito Leite, em São Luís. Expõe individualmente no Salão Cidade de São Luís, em 1971, Projeto Mirante, em 1974, Galeria Eney Santana (1978, 1979), Caixa Econômica Federal (1980), Museu Histórico e Artístico do Maranhão (1984, 1985, 1986, 1988 e 1990), Coletiva de Maio (1991/1992), Galeria Centro Cultural Caixa Econômica Federal (1992 e 1994).

Nacionalmente participa de coletivas na Bienal Nacional de São Paulo em 1974 (com escultura), e em 1976; no III Encontro de Artistas do Distrito Federal, em 1976; no Salão Nacional de Artes Plásticas do Rio de Janeiro, em 1979 e 1980; no Salão de Artes Plásticas de Goiânia, em 1976, e no 1º Salão de Desenho e Gravura do Centro Oeste, em 1979. Individualmente apresenta-se no Rio de Janeiro com exposições nas galerias Sérgio Milliet (1977), Ana Maria Niemeyer (1981), Galeria Matias Marciere no Rio Design Center em 1992; em São Paulo, na Galeria Portal, em 1980.

Brasília, nas galerias Eucatexpo (1977), Galeria A (1978). Parnaso Galeria de Arte (1979 e 1980), Galeria Fundação Cultural (1985), Cavalier Galeria de Arte (1992 e 1995).



PÉRICLES ROCHA, MÚLTIPLO E ÚNICO

Estava terminando um ensaio sobre "a multiplicidade de Lêdo Ivo", depois de ter lido extensamente a sua obra, quando fui convidado para ir ver a nova coleção de quadros de Péricles Rocha. Li o poeta-romancista, absorvido, anotando as numerosas características de sua obra. Entrei no mundo do artista plástico maranhense ainda com a mente cheia das imagens do poeta de Maceió. Dois mundos ricos, profusos, misteriosos, marcados pelo *etos* regional. Ambos os artistas parecem pertencer à mesma região. Na verdade, de Sergipe ao Maranhão, estende-se um território que tem muitos elementos culturais comuns. No alagoano, realmente há muito a presença da água. Em Péricles Rocha, há mais o sertão seco, místico, criativo - a literatura de cordel por exemplo -, tradicional, estático, doloroso!

Péricles Rocha oferece um espetáculo cromático estranho, mítico, fortemente individualista, mas em que observo uma miscelânea de traços, um caleidoscópio de qualidades. Procurarei enumerá-las, como fiz com Lêdo Ivo. Cito, exemplificando, a sua "monumentalidade", baseado em Josué Montello, o seu "arciboldismo", percebido por Hugo Auler, as "impregnações do fantástico", tão bem expressas por Miguel Jorge, as "videntes raízes populares" anotadas pelo poeta e maranhense Ferreira Gullar (o poeta das palavras reconhece o poeta da pintura) e o erotismo e "animalidade" comentados por Vicente Pércia. Clóvis Sena aponta ainda, na pintura do seu conterrâneo, arte complexa e rústica (rústica na sua temática mas não na sua realização), a mitologia do alto sertão, "lá pelas nascentes dos rios Balsas e Parnaíba, onde Maranhão, Piauí e Goiás se fundem e fraternizam nas mesmas crenças, linguagem e torneio." Pessoalmente, vejo, na pintura de Péricles Rocha, uma extemporânea manifestação do romantismo fantástico de Poe, de Hoffman. Mais perto de Álvares de Azevedo do que de Gonçalves Dias.

Sempre achei uma injustiça, um absurdo, que tanto se fale "na pobreza do Nordeste", "na ignorância dos nossos sertões", e não se fale na riqueza, na imensa riqueza da nossa cultura popular. Cultura popular que inspirou tantos artistas requintados, superiores! Sempre me deslumbrei diante dessa opulência realmente deslumbrante.

Péricles Rocha, com seus quadros, de maneira poderosa, impressionante, nos dá notícia dessa riqueza fantástica.

Cassiano Nunes

Cavalier Gal



Técnica mista 92x60

Verniss
Exposiç